

COMUNICAÇÃO POPULAR E MÍDIA ANTIRRACISTA: O papel das plataformas online no empoderamento do povo negro ¹

Mônica Suelem Gonsalo BARROS²
Adilson Manoel Silva de SANTANA³

Ana Beatriz Pereira ROCHA⁴

Suelly Maria Maux Dias⁵

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

O objetivo do trabalho é abordar como a comunicação popular pode construir novas narrativas no ambiente digital, construindo uma mídia alternativa e antirracista. A pesquisa apresenta a importância do lugar de fala e do empoderamento no avanço das causas do movimento afroindígena, além de trazer a plataforma Quilombo Cibernético como produto do ciberativismo. O processo metodológico utilizado foi a de coleta de dados, fundamentação teórica e demonstrativos.

PALAVRAS-CHAVE: Ciberativismo. Movimento Afroindígena. Mídia Antirracista. Empoderamento. Comunicação Popular .

1 INTRODUÇÃO

A comunicação popular representa uma das principais formas de construção midiática de natureza participativa, servindo como maior expressão das classes populares (trabalhadores, mulheres, indígenas e negros) sendo atualmente uma alternativa informativa que possibilita o exercício da cidadania e protagonismo.

¹ Trabalho apresentado na IJ 07 - Comunicação, Espaço e Cidadania do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: moguarygo@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: adilsonsantana_prod@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: anabeatriz9pr@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: suellymaux@gmail.com

A reconfiguração dos meios de comunicação e a revolução da web proporcionaram a criação de teias informativas que produzem pautas a partir do recorte de gênero, raça e classe, promovendo o trabalho de base através de gêneros jornalísticos, traduções e poesias marginais. Muitas dessas plataformas, hoje, são o principal meio de empoderamento da população negra, e tem sido o principal meio de protagonismo no sentido de construir plataformas com narrativas e pautas focadas na vivência do povo negro.

O Quilombo Cibernético é, atualmente, um desses ambientes midiáticos de construção coletiva, protagonizado exclusivamente por pretos e indígenas. Criado no início de 2019, por estudantes negras da Universidade Federal da Paraíba, o blog colaborativo é desenvolvido por jovens escritores negros de todo Brasil, sendo suas maiores zonas de participação em João Pessoa, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro.

O blog é hospedado no Wordpress (<https://quilombocibernetico.home.blog>), e também está presente nas redes sociais: Facebook, Instagram e Twitter (@qciberntico). Em cada rede social, o formato do conteúdo é adequado à plataforma, pensando na acessibilidade e alcance do público, produzindo conteúdo desde vídeos para stories no instagram, threads no Twitter e textos para o Facebook, buscando um maior número possível entre a juventude negra.

Os produtores de conteúdo desenvolvem textos nas editorias de cultura, história, conhecimento e feminismo negro, além de trazer poesias e crônicas, que dão visibilidade a escritores que estão se aproximando da escrita, e que desenvolvem narrativas marginais. As editorias já discutiram pautas importantes como afetividade do homem e da mulher negra, tradução de importantes pensadores negros e comentários sobre filmes e discos de relevância para a cultura pop negra.

A redação do blog busca manter um parâmetro de pluralidade para as narrativas, dando abertura a diversos formatos, desde textos acadêmicos, reflexões, artigos jornalísticos e apresentações mais marginais como slam e batalhas de rima. Dessa forma, o blog busca contemplar diversos tipos de escritas e arte, sendo um ambiente de

contraposição ao que é desenvolvido pela mídia tradicional, apresentando-se como uma proposta de mídia antirracista.

Devido a falta de representatividade enfrentada pela população negra, indígena e periférica na mídia tradicional, o presente trabalho visa demonstrar de que forma o meio digital pode ser utilizado no intuito de empoderar essas comunidades. O objetivo é verificar como a comunicação popular pode atuar na construção direta de uma mídia antirracista, por meio da análise de sua utilização em outros períodos da história, da conceituação de mídia antirracista, bem como de concepções recentes acerca das complexidades do empoderamento.

2 COMUNICAÇÃO POPULAR E PROTAGONISMO

A comunicação popular no contexto político da democracia, tem um papel de grande importância, seu surgimento e crescimento são paralelos ao avanço do movimento trabalhista que desenvolveu através da comunicação sua principal ferramenta organizacional e de formação: o trabalho de base. Os jornais populares surgiram em sua primeira versão em jornal impresso, como movimento de contracultura que representava um lugar de resistência em um momento histórico que a mídia tradicional tinha seu conteúdo limitado e censurado.

Para formular a ideia da mídia construída pelo povo é necessário pensar no fator interseccionalidade, que determina vivências, e também narrativas, a partir do recorte de gênero, classe e raça. Todavia, para fazer essa análise sobre ótica da interseccionalidade, é necessário entender que o termo delimita nitidamente que as formas de opressão têm a mesma raiz e que crescem a partir da estrutura social capitalista, explorando a dinâmica existente entre as identidades sociais que enfrentam manifestações do sistemas de opressão intercalado (patriarcado, supremacia branca, elitismo).

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

A população brasileira, segundo dados do IBGE, é formada por 54% de negros, sendo que a mídia não reflete esses dados. Os principais portais de notícias que influenciam a maior parte da população são raramente protagonizados por jornalistas e escritores negros, refletindo assim, a realidade higienista e de pouca representação popular.

Fundado no Brasil graças a interesses políticos e opiniões complexas, geralmente vindas de políticos ou de empresários, o jornalismo na sua primeira fase surgiu de forma panfletária com pautas voltadas exclusivamente para os interesses de seus patrocinadores e nenhuma representação positiva do restante da população. A imprensa negra e alternativa mostrou-se, nesse contexto, um ambiente midiático de ruptura, desde 1911 em publicações como “A Pérola”, “O Menelick”, “Pasquim”, “MNU” e a “Princesa do Oeste”.

Figura 1: Campanha Salve 13 de Maio, Jornal Pasquim, (1976)



Fonte: Jornal Pasquim

Figura 2: Capanha “Reaja à violência: beije sua preta em praça pública” (1991)



Fonte: Jornal Movimento Negro Unificado

Pensar uma mídia protagonizada pelos próprios agentes sociais negros é construir uma ponte entre a população que é estereotipada pela mídia e uma nova visão dos acontecimentos, conforme a perspectiva que é sempre distorcida na mídia tradicional. Segundo Festa (1984, p. 170):

Comunicação popular refere-se ao modo de expressão das classes populares de acordo com a sua capacidade de atuar sobre o contexto social na qual ela se reproduz. Contexto de enfrentamento com o projeto de dominação capitalista. Nesse contexto, a comunicação popular é o agente da definição do projeto popular, que vai conformando a inter-relação entre grupos e classes populares e a sua incapacidade atual de articular alianças políticas. Daí porque ela se expressa em espaços determinados como nas CEBs, sindicatos, grupos de mulheres, centros de educação e comunicação popular, grupos culturais, movimento de favelados, etc.

A imprensa é um meio de curadoria, pois a população acessa os acontecimentos por meio de um filtro exercido pelos profissionais. Sendo assim, há por trás da criação de um jornal um sentido político de transformá-lo em instrumento de influência, que é imprescindível na construção de uma representatividade para a imprensa negra, bem como para os profissionais negros à frente de tais projetos editoriais.

Conforme Marcondes Filho (1989, p. 11), essa é uma maneira de “se dar eco às posições das pessoas, de classe ou de nações através de um complexo industrial-tecnológico, que além de preservar suposta impessoalidade, afirma-se, pelo seu poder e soberania, como ‘a verdade’.” A partir dessa reflexão sobre o poder de alcance político do jornalismo, o autor lembra que “divulgar fatos que interessam à classe ou a setores dominantes” e de “moldá-los, esticá-los e comprimi-los, reproduzir assim a vida pública e privada conforme os parâmetros ideológicos de seus produtores.” (idem,p.51).

Desde o século XIX, os jornais da imprensa negra foram a real expressão de que “os afro-brasileiros conseguiram formular uma *fala própria e torná-la pública*. Ainda que não tenham alcançado simultaneamente todo o território nacional, esses impressos são parte do esforço coletivo de controlar os códigos da dominação e subvertê-los.” (PINTO, 2006, p. 70). À vista disso, estavam inseridos a luta contra o racismo, a discriminação e preconceito racial no Brasil.

3 LUGAR DE FALA E O PROCESSO DE EMPODERAMENTO

Ao longo do tempo, a história das civilizações foi contada sob a perspectiva das classes dominantes onde as narrativas mantinham a projeção de seus interesses, enquanto minimizavam ao máximo as representações dos grupos explorados. No Brasil, o mito da democracia racial impulsionou esse processo de silenciamento do comunidade negra, pois ao criar uma redoma midiática em volta das desigualdades sociais existentes, as pautas de real interesse da comunidade foram apagadas, dando vasão ao racismo institucional.

O conceito de racismo institucional foi uma enorme avança no que se refere ao estudo das relações raciais. Primeiro, ao demonstrar que o racismo transcende o âmbito da ação individual, e, segundo, ao frisar a dimensão do poder como elemento constitutivo de relações raciais, mas não somente o poder de um indivíduo de uma raça sobre outra, mas de um grupo sobre outro, ao possível quando há controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional. (ALMEIDA, 2018, p. 36)

O conceito de lugar de fala é presente na tentativa de desconstruir essa narrativa hegemônica, que privilegia uma perspectiva centrada na elite dominante que detém o monopólio da mídia. Não se tem certeza acerca da gênese do termo, mas atualmente ele é muito utilizado por ativistas dos movimento negro, feminista e LGBTQ+ nas redes sociais, em debates envolvendo questões identitárias, ideológicas e políticas.

Os atuais ambientes de debate criados pelas redes sociais convergem diretamente à desconstrução da narrativa supracitada, o objetivo de debater lugar de fala é restituir a humanização e voz dos povos que foram excluídos da atmosfera do conhecimento, seja histórica, filosófica ou científica. No sistema capitalista vigente, o poder político e aquisitivo garante o poder midiático. Sendo assim, a mídia dominante estereotipa os lugares sociais. Nesse aspecto, Ribeiro (2017, p. 61) afirma que “não estamos falando de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania.”

É necessário compreender o conceito como uma redefinição de espaços, algo que vai além do falar, pois é inquestionável que a comunidade negra teve sua voz deslegitimada, e por tal motivo o levante do debate serve para garantir que esse grupo esteja inserido nas discussões midiáticas, além de trazer suas especificidades para as pautas, e falar do lugar que ocupa na pirâmide social.

A palavra empoderamento é encontrada em dois importantes dicionários da língua portuguesa, Aurélio e Houaiss, em ambos o significado traz a ideia de tomada de poder por um determinado grupo ou indivíduo, por meio de uma conscientização do mesmo para gerar mudanças de contexto social, político, econômico ou cultural no meio ao qual pertence. O empoderamento das classes populares, logo, da comunidade negra, por meio de ações afirmativas, trabalho de base por meio da comunicação popular e ciberativismo, é primordial para que o racismo seja combatido diretamente na sua estrutura mais violenta.

Nesse aspecto, são cabíveis os estudos da escritora Berth (2018, p 48), ela afirma que empoderamento é conduzir os indivíduos por diferentes níveis de “autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo.” A autora deixa explícito que se trata de um processo pessoal de autoconscientização, e a partir

disso virá a transformação. Assim, a consequência do empoderamento pessoal será a noção de pertencimento enquanto grupo, criando o alicerce para o senso de coletividade que dá força ao enfrentamento dos obstáculos impostos .

Através do acesso ao conhecimento os indivíduos tomam consciência de que podem construir suas próprias narrativas, afastando-se dos critérios de noticiabilidade tradicionais e ocupando o lugar de fala no seu processo de produção e absorção de informação.

Atualmente esse processo de redefinição de narrativas somada a reconfiguração dos meios de comunicação, permite que a classe comunidade negras e as demais classes populares tenham suas próprias plataformas de notícias, por exemplo, “Alma Preta Jornalismo”, “Blogueiras Negras” e “Ponte Jornalismo”.

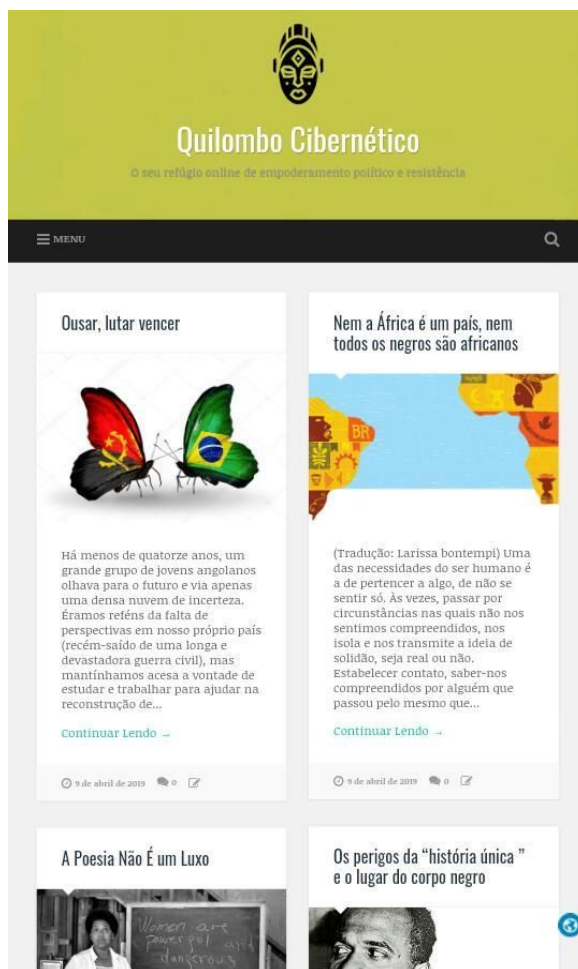
QUILOMBO CIBERNÉTICO E A PROPOSTA DA MÍDIA ANTIRRACISTA

Os conglomerados comunicacionais possuem interesses econômicos, que estão atrelados a questões políticas. Partindo dessa ideia a comunicação independente se põe na contramão dessa dinâmica, ao ter seu objetivo principal alicerçado em fatos sem se pautar na conveniência mercadológica, tendo a atmosfera e o contexto popular como referencial mais importante.

A grande mídia tem poder de atuar na construção do inconsciente coletivo, perpetuando estereótipos, através de notícias que retiram a dignidade da população negra de maneira racista e insensível, além de seus produtores serem em sua maioria brancos, mostrando como a contratação de profissionais negros também é excludente. Em contrapartida, iniciativas independentes, como o Quilombo Cibernético (QC), visam combater o monopólio ideológico dos meios midiáticos e produzir informação sob a ótica afroindígena.

Partindo dos conceitos do lugar de fala e da reconfiguração das narrativas hegemônicas (coloniais), o Quilombo Cibernético surge, imagem 3, com o intuito de promover protagonismo e produzir conteúdo decolonial (contexto dos pretos e indígenas), discutindo pautas desde a ancestralidade, feminismo negro, entretenimento e artigos sobre as principais fatos relevantes para a comunidade.

Figura 3: Interface do blog Quilombo Cibernético na plataforma Wordpress



Fonte: Blog Quiolombo cibernético⁶

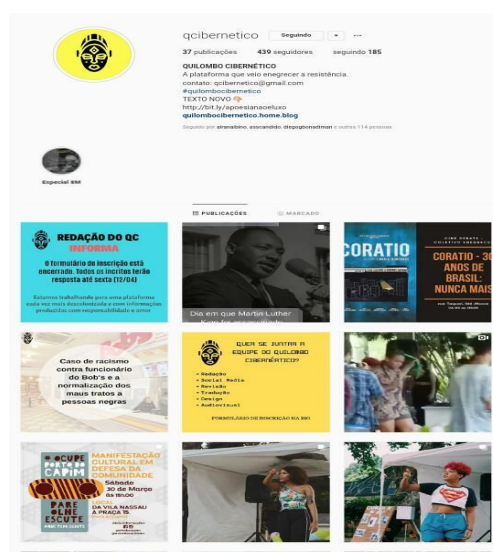
A redação do blog é dirigida por mulheres negras, ressaltando a importância desse tipo de protagonismo no âmbito da comunicação, onde são silenciadas. Segundo Nascimento (1977, p 48 - 49), “podemos considerar que a invisibilidade da mulher negra no espaço acadêmico e midiático também se consolida, porque o seu outro (homem branco, mulher branca ou homem negro) não a vê trilhando esse itinerário intelectual.”

O projeto teve início em janeiro de 2019 a partir das lacunas observadas, tendo em vista que a mídia tradicional não se atém à importância do lugar de fala. O

⁶ Disponível em: <https://quilombocibernetico.home.blog/>

Quilombo Cibernético agrega escritores negros de todo o país para contarem suas próprias histórias e produzirem conteúdos nos mais diversos formatos, desde artigos jornalísticos, contos, crônicas, poesias e ensaios, além da avaliação trimestral de slam com batalhas de rima. Além de ter blog hospedado no Wordpress, O QC está presente no instagram produzindo vídeos e compartilhando fotos de eventos relevantes, e no twitter produzindo *thread topics* sobre os principais textos dos intelectuais negros, reiterando a importância do empoderamento na construção de novos espaços de debate e disseminação de informação horizontal, conforme imagens 4 e 5.

Figura 4: Printscreem da página do QC no
instagram



Fonte: Página do QC no Instagram ⁷

Figura 5: Printscreem da página do QC no twitter

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/qcibernetico/?hl=pt-br>



Fonte: Página do QC no twitter⁸

Portanto, o diferencial que a comunicação popular exerce, no caso do Coletivo Quilombo Cibernético, é o de transcender os limites do factual e alcançar a comunidade afroindígena, através do espaço virtual com uma linguagem acessível para os mais diversos públicos existentes no recorte. O QC permite que seus colaboradores tragam seu ponto de vista sobre os acontecimentos, além de seus trabalhos artísticos para manter a máxima a pluralidade que a mídia descolonial pode oferecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar o papel transformador do ciberativismo e da comunicação popular através do blog Quilombo Cibernético, que atua no processo de

⁸ Disponível em: <https://mobile.twitter.com/Qcibernetico>

empoderamento e de protagonismo dos cidadãos e cidadãs da comunidade negra em seu contexto socioespacial.

Visto que o jornalismo é o “quarto poder” e exerce total influência no contexto político democrático, pensar em plataformas digitais participativas é também pensar na democratização da comunicação que implica na restauração de uma democracia que tem suas raízes adoecidas por uma construção históricas de desigualdades.

O protagonismo das populações afroindígenas na construção de um novo jornalismo, delineado pelo conceito de comunicação popular, é um marco da conquista de direitos políticos, em especial, o de narrar a própria história.

Portanto, a comunicação popular é um dos principais mecanismos de ruptura do monopólio midiático, de promoção a iniciativas colaborativas e da descolonização da informação, que busca combater o racismo além de compartilhar conhecimento produzido do povo para o povo. Através disso, crescem os espaços que debatem o ciberativismo e a cidadania, e que geram oportunidades para pessoas afroindígenas interessadas no ramo da comunicação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento: 2018.
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.
- FESTA, Regina. **Comunicação popular e alternativa - a realidade e as utopias**. Dissertação de mestrado. São Bernardo do Campo, 1984.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. São Paulo: Conselho Editorial, 1989.
- NASCIMENTO, Beatriz. Nossa democracia racial. **Revista IstoÉ**, São Paulo, p. 48-49, 23 set. 1977.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura à tinta preta: a imprensa negra no século XIX (1833-1899)**. 197 f. Brasília: UNB, 2006. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2006.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Coleção: Feminismos Plurais) .
- SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.